

JORGE BORONAT

«Nunca fui tão feliz»

Biografia espiritual de Pedro Ballester



INTRODUÇÃO

Poucas semanas antes de morrer, após três longos anos de tratamentos, quimioterapias, viagens, hospitalizações, dores e sofrimentos, Pedro falava com Tom, um rapaz de quinze anos que tinha decidido seguir a sua vocação. Pedro perguntou-lhe com um fio de voz: «És feliz?» «Sim, sou», respondeu Tom. E com grande simplicidade, perguntou-lhe o mesmo: «E tu?»

Pedro sorriu e disse com convicção: «Nunca fui tão feliz».

Três anos antes, dois meses depois de se ter incorporado no Opus Dei, foi ao hospital por uma dor nas costas que se tinha agravado nos últimos meses e se estava a tornar insuportável. Foi nas férias de Natal de 2014 que lhe diagnosticaram um cancro ósseo na bacia. Ao receber a notícia, consciente da dor dos pais, disse-lhes: «Os Pais ensinaram-me que Jesus partilha a sua Cruz com os amigos. Eu já lhe dei a minha vida quando disse “Sim” à minha vocação.»

Pedro faleceu em 13 de janeiro de 2018, com vinte e um anos, deixando uma marca indelével em milhares de almas. No seu funeral, concelebrando por mais de 30 sacerdotes numa igreja lotada, o Arcebispo Arthur Roche¹ dizia:

«Pedro tocou a vida de muitas pessoas, que nem chegou a conhecer, com a sua paciente, alegre e atraente capacidade de superação, cheio de fé, estes três anos de doença, sem se queixar e com

¹ Antigo Bispo de Leeds e atualmente Cardeal, Prefeito do Dicastério para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos.

uma coragem que testemunha a beleza da vida... Quando Pedrito² se comprometeu como numerário do Opus Dei, com a generosidade própria da juventude, não sabia que o Senhor o chamaria a seguir os seus passos, partilhando a sua Cruz e dando a vida pelos outros. Todas as manhãs, ao levantar-se, mesmo da cama do hospital quando podia, beijava o chão e repetia o lema de São Miguel Arcanjo: “*Serviam!*” – Servirei! E foi isso que fez com a sua vida, com grande magnanimidade, paciência e bom humor.»

Um dia, ao falar com ele sobre a possibilidade de morrer novo, disse-me: «Mais cedo ou mais tarde... que diferença faz? Se demos a vida a Deus, também lhe demos a morte, não é? Estou nas mãos de Deus. Não há melhor lugar.»

O meu professor de Literatura dizia que sabia que um livro era bom quando ao terminá-lo, pensasse que gostaria de ter sido o autor. Eu pensava que uma vida é boa quando, ao vê-la terminar, tivéssemos gostado de a ter vivido. Os livros que já estão escritos não podem ser reescritos, sob pena de se ser processado por plágio. Mas imitar vidas não é delito e ninguém nos pode denunciar por copiar. De facto, o próprio Jesus convidou os seus discípulos a imitá-l’O. Todos os santos tentaram plagiar a vida de Cristo e, por isso, viveram vidas tão belas.

Mas imitar a vida de Cristo inclui também imitar a sua morte. Quer se trate de um cancro, de um enfarte, de um acidente ou a dormir na cama aos cem anos, a morte do cristão é sempre no Calvário.

Diz o Salmo 116 diz: «*Pretiosa in conspectu Domini mors sanctorum eius*» (15). *Valiosa*, diz literalmente: «É valiosa aos

² [N. T.] Como é explicado mais à frente no texto, Pedrito era a forma como era tratado em família. Como em Portugal não usamos muito este diminutivo, salvo algumas exceções, traduziremos por Pedro.

olhos do Senhor a morte dos seus fiéis.» Aqueles que assistiram à morte de Pedro comprovaram-no. Foi uma morte preciosa. Como Deus gosta de ver os seus filhos morrer assim! Morrer como Deus manda!

Nós, os que estivemos perto dele, nos seus últimos anos, pudemos ver como amadurecia espiritualmente até se identificar com a vontade de Deus. Não foi um caminho fácil. E nem sempre impecável. Às vezes, o sofrimento deprimia-o. Outras vezes, zangava-se com as pessoas ou custava-lhe especialmente passar tempo com alguém, ou desanimava-se com as suas limitações. Contudo a santidade não consiste em ser perfeito, mas em nunca deixar de lutar por tentar sê-lo. E dessa luta houve muitas testemunhas que falam neste livro.

Aqui encontrarás episódios e histórias do Pedro compiladas a partir de testemunhos e entrevistas de quem o conheceu, das anotações que deixou, de mensagens que enviou, dos registos do seu diário e de notas escritas por alguns que viveram com ele. O livro que tens nas mãos não é uma crónica histórica, mas antes uma recompilação de recordações, ordenadas mais por temas do que por datas, embora respeitando, *grosso modo*, a cronologia da sua vida.

É uma descrição das suas lutas. A batalha de uma alma pela santidade é sempre épica. Os que acompanhámos a luta de Pedro presenciámos vitórias e derrotas, lágrimas e sorrisos, frustrações e alegrias; vimo-lo zangar-se e alegrar-se, duvidar e confiar, agradecer e pedir perdão... viver e morrer. Testemunhar a epopeia de uma alma que luta, sofre e vence, é um privilégio, uma dádiva, uma lição; mas também uma responsabilidade.

Pedro morreu na madrugada de um sábado, dia de Nossa Mãe, a Virgem Maria. Morreu enquanto os que o acompanhavam recitavam a Salve Rainha. Suspirou pela última vez quando

ouviu dos lábios daqueles que o amavam: «Esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei.»

E assim fez Nossa Senhora com o seu filho Pedro. Tal como com o seu Filho Jesus: acompanhou-o até ao fim e tomou-o depois nos seus braços. Ela multiplicará o efeito da sua vida e da sua morte.

Prólogo do Cardeal Arthur Roche à primeira edição inglesa

Pedro Ballester morreu com vinte e um anos, mas a sua vida transmitiu eloquentemente uma grandeza superior à idade e uma vida bem vivida. Diagnosticado com um cancro agressivo enquanto estudava na universidade, continuou a viver com uma energia inabalável e uma preocupação pelos outros que encobriam a dor, o sofrimento e as dificuldades constantes que suportava. O seu sorriso e o seu alegre acolhimento denotavam uma extraordinária força interior e beleza de espírito.

Era um homem de grande fé e humildade. Para todos os que o conheciam, manifestava uma capacidade excepcional de amar Deus e os que precisavam dele. A preocupação pela sua própria situação não era nada comparada com a preocupação que sentia pelos outros, especialmente pela família e amigos e por aqueles com quem entrou em contacto durante o seu tratamento. Sofria sobretudo pelos que sofriam por ele. No entanto, seguiu em frente. A sua fé e o seu carácter alegre não lhe permitiram fraquejar nem desistir. Sabia em Quem acreditava e a Quem tinha confiado a sua vida, por mais difíceis que fossem as circunstâncias.

Os últimos dias de Pedro, marcados por um intenso sofrimento, foram também marcados por um grande heroísmo e bom humor. Nunca permitiu que outros o levassem a sentir pena de

si próprio. A sua simplicidade, o sorriso e o brilho dos seus olhos transmitiam a profundidade de um mistério em que se transformava claramente o sofrimento que padecia. Sabia que o Senhor não era alheio ao seu sofrimento e por isso, junto d'Ele, oferecia tudo pelo Papa e pela Igreja.

Ao recordá-lo agora, e ao evocar aqueles últimos meses, impressiona-me um facto mais do que qualquer outro, um facto radioso, que é a liberdade que tão claramente experimentou ao oferecer-se de todo o coração para servir Cristo até ao final. Um sinal dessa liberdade era, evidentemente, a sua espantosa serenidade. Diante dos nossos olhos, Pedro, em Cristo e por Cristo, tinha-se tornado um jovem de enorme grandeza.

20 de dezembro de 2022

† Cardeal Arthur Roche

Introdução	5
Primeiros anos.....	11
Em Maiorca	19
Estreando a vocação	25
A Cruz	33
A luta	41
Apostolado	51
Fidelidade.....	59
Bom humor	65
Dar-se aos outros.....	73
O monte do Calvário	81
Fidelidade no Calvário.....	87
Fiéis até à morte	101
Do Céu	111
Epílogo.....	119
Apêndice	127
Memória fotográfica	133